

A JANELA É UMA TRANSVERSALIDADE DO CORPO

Fernando Andrade

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

PARTE I — *ficção*

Ser antologia
De estórias
E biografias
Passar pelo ato
Num pequeno pacto
Com a ficção.
E ao mesmo tempo
Que se vive rios no tempo,
Escrevem-se fios
Urdindo linhas possíveis
Crivam-se verdades inverossímeis
Ouvem-se vozes dos narradores.
Para onde vai o leitor?
Neste arrebol
De especular sombra de velas
Onde os lobos correm sem ver o sol.



A janela é uma transversalidade do corpo

Uma linha muito corriqueira passava por volta do meio-dia. Um corpo tracejava esta linha, podendo ser o Cosme Velho que ia ao Largo do Machado, para apenas ver pombos. Uma linha que não era um largo, pois o largo geralmente dá volta para pegar uma outra mão. Não era nem linha do destino que está desenhada através de teias que se cruzam como cruzamentos de ruas, transversais com as principais.

João ia de skate pela linha do acostamento junto com outras rodas que circulam no perpétuo moto-contínuo. Através das janelas dos circulares, Ana — um palíndromo — ia subjetivando corpos de transeuntes numa lógica de 1+1. Cada um que subia no circular era uma linha que se fechava numa rota motor ou numa lógica de salto-quadrante. O que seria uma forma de abolir as linhas que são feitas na caminhada, pelos passos.

De pé em pé, ou melhor, a pé, estas trilhas são o que pesquisadores mais fazem quando querem marcar uma demarcação de terra. A ideia é ver em quanto tempo se gasta para ir de A à B. A demarcação de terras requer um outro tipo de agrimensor. Cercas passam o campo todo distinguindo o nome da fazenda de fulano e sicrano. Assim como os passos numa cidade são perdidos; algoritmos de tempo escapado.

Pegue uma linha errada? E você terá que descer e ir a outro ponto-linha. Você está momentaneamente perdido? Não sabe qual numeração se alocar, 1+ 2+ 3. Não é como cruzar um pasto de vacas para saber se há uma cerca aberta para elas não saírem do cercado. Na Avenida, João olha pela janela. Ana está na fila do Cosme velho. Ao lado dela, Cosme lhe pergunta se pode ler sua mão? Ana olha pela janela e vê um homem bonito; sobe correndo deixando Seu Cosme com um baralho de cartas na mão. Na sua mão está uma primeira carta: a do eremita. Esta carta não serve para averiguar a passagem do tempo, devires, pois de eremitas a cidade está cheia. Assim que João desce do 584, ele pede um café. Ana, que é um palíndromo, pegou por desatenção o 485, que vinha logo atrás. Chegou a ver João descer e ser abordado pelo eremita que lhe deu a carta do amor.

Matéria desconhecida

Sonhei que fazia um buraco na lua, daqueles que se fazem na praia para exercitar a fantasia. Para retirar do meu sonho um pouco de matéria lunar. E que eu iria com um pedacinho de cada vez soltando-a em cada espaço de fronteira sobre o mapa do mundo. Seria sempre de madrugada, eu por quase vontade divina iria pelo céu soltando matéria lunar sobre a Ásia, Europa, América, mas não tinha nunca a noção de onde cairia; em qual residência entrava. Qual ser de manhã veria no meio da sua sala um pedacinho de terra lunar. E após olhar detidamente, um chinês, um húngaro, um canadense, eles ou para si mesmos, ou para alguém da família diriam: matéria desconhecida. E alguns jogariam na privada, outros com dotes artísticos fariam algo misturando às outras terras, cimentos, cal. Fariam, oxalá, uma obra criativa da matéria lunar. Não haveria explicações para estar em toda parte do mundo este trecho de matéria lunar. Nenhuma explicação científica ou

sociológica teriam estes povos do planeta. Seria quase como uma poeira numa página que algum autor incorpora na sua história.

Tem-se o início a linha de um conto

Um homem esperava na linha. Dois dias atrás, havia ligado para Ana naquela linha de telefone.

Falava por linhas de baixa frequência. Antes de ligar, tinha andado numa linha boa de comportamento exemplar de quem quer continuar por aí. Estava na cozinha, com a linha do bolo crescendo.

“Ela não me deu bolo!” Os dois tinham ido à praia. Ela alinhou a canga na areia e disse a ele: “não te amo mais!” Depois de 20 minutos, eles se despediram. Ele pegou a linha de ônibus 111 (linha para lugar nenhum) e foi para casa. Parou na farmácia e comprou um remédio e leu a bula linha por linha. Provavelmente para acalmar as linhas de seus pensamentos que estavam meio nubladas e sujeitas a muitas trovoadas.

Foi para casa e resolveu revisar seu romance na linha 134 da terceira página. “Estou com 34 anos!”. Viu nas linhas da mão os traços da sua idade. Foi no

EDITOR A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R
E-mail: fernando.andrad68@gmail.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2021.
